

Bom Jardim Benjamin Constant AM

PROJETO

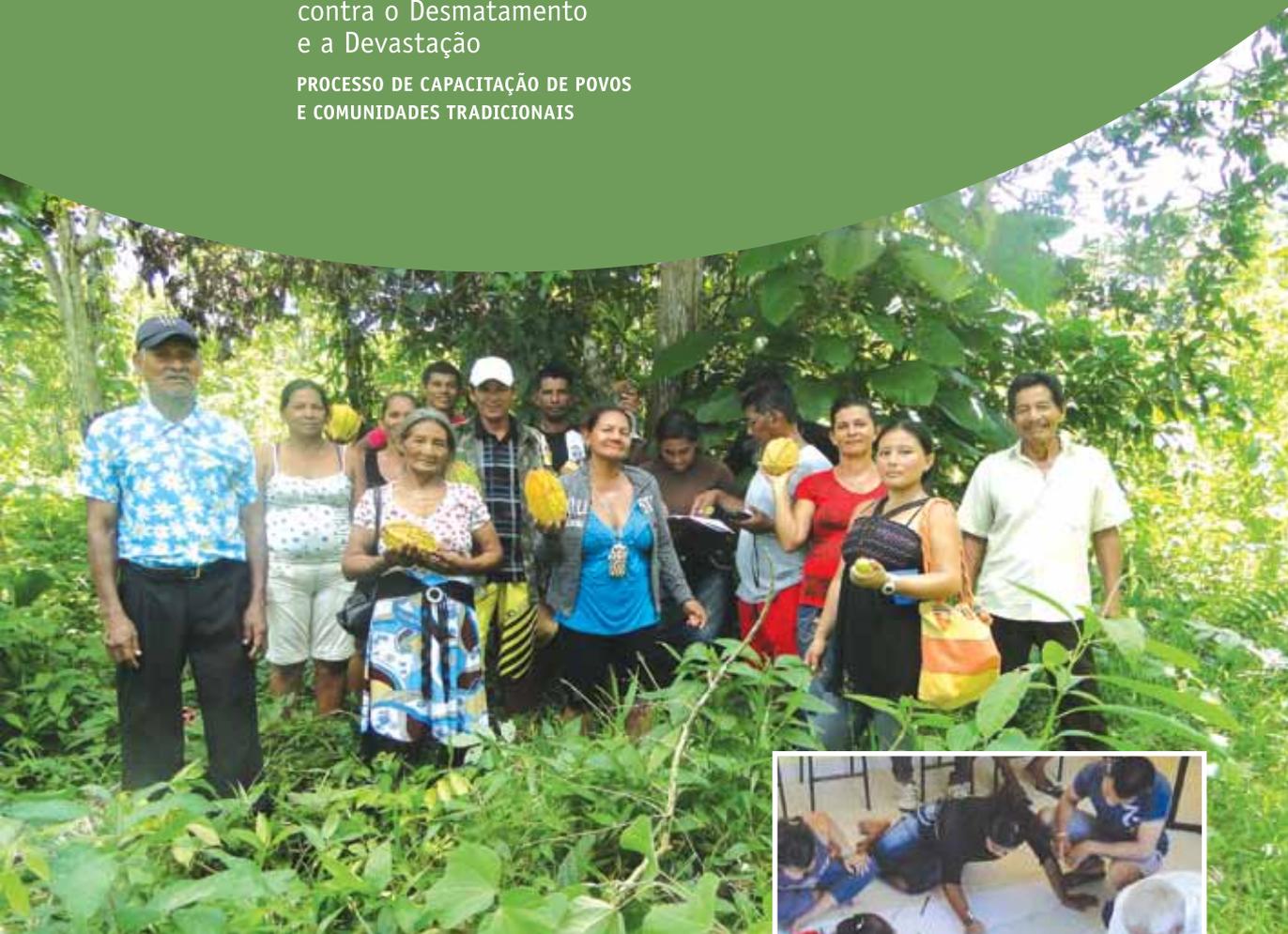
Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



3



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**



Participantes da Oficina de Mapa e Curso de GPS realizada na Comunidade Bom Jardim, Benjamin Constant em dezembro de 2012:

POVO KOKAMA - Afonso Coelho de Melo, Andreia Januario de Souza, Ariane de Souza Almeida, Avelino Januario Assipar, Carlos Junior A. dos Santos, Denilson da Costa Santos, Elizângela Lopes, Fernandes Braga Melo, Helia Moura Gomes, Jocicley da Silva Ritonia, Julio Maricaua Gomes, Lacy Santos Maricaua, Lúcia Maria Lopes, Maria de Lourdes Maricaua Gomes, Marlene Januario da Silva, Neli Carmem Marinho, Raquel dos Santos Maricaua, Reulen Gomes Gama, Rosimar Maricaua Ataíde, Rozita Januario Gomes, Santana Ricardo da Costa, Wilsa Matos Servalho.

POVO TIKUNA - Adair Soares Firmino, Alírio Mendes Moraes, Antonia Pereira da Silva, Daniela Bastos Firmino e Erminia Bastos Firmino.

© UEA-Edições – Manaus, 2013

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
PNCSA-CESTU-UEA /PPGAS-UFAM/CNPQ

EQUIPE DE PESQUISA

Reginaldo Conceição da Silva (Coordenador – UEA/Tabatinga)
Antonio Caldas da Luz
Francisco de Assis Nogueira de Matos
Glademir Sales dos Santos
Janilson Gonçalo Rubem
Marcleiser Oliveira Bentes
Suzana Carvalho Lima

EDIÇÃO

Reginaldo Conceição da Silva

TRANSCRIÇÃO

Antonio Caldas da Luz
Francisco de Assis Nogueira de Matos
José Francisco da Silva Neves
Marcleiser Oliveira Bentes
Suzana Carvalho Lima

CARTOGRAFIA

Janilson Gonçalo Rubem
NCSA-CSTB/UEA

FOTOGRAFIAS E FILMAGEM

Antonio Caldas da Luz
Francisco de Assis Nogueira de Matos
Glademir Sales dos Santos
Janilson Gonçalo Rubem
Reginaldo Conceição da Silva
Suzana Carvalho Lima

REALIZAÇÃO

Povo Kokama e Tikuna da Comunidade Indígena Bom Jardim em Benjamin Constant – Amazonas

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

DESIGN CASA 8

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais : povos Kokama e Tikuna Benjamin Constant-Am : demarcação contra devastação, 2 / coordenação geral, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa, Reginaldo Conceição da Silva ... [et al.]. – Manaus : UEA, 2013.

12 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-85-7883-271-1

1. Movimentos sociais. 2. Indígenas – Benjamin Constant (AM). 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Silva, Reginaldo Conceição da. III. Série.

CDU 528.9:316.48(811.3)

Movimento kokama pela formação da comunidade

“Quando começou a comunidade, nós começamos por meio de uma escola, que aqui na época era um subúrbio não tinha nada, absolutamente como cinco famílias aqui dentro, desse cidadão que estava aqui agora que foi pra lá, então, a casa dele servia como uma escola, e quando eu cheguei aqui, eu tinha meus meninos naquele tempo todos pequenos, eu queria que eles estudassem, então mais como era casa de morada, casa de família, então eu ia unir com os cinco, pra ver se nós poderíamos ter uma casinha própria, escola pra deixar de ocupar a casa de morada. Ai todos concordaram, e nós começamos e fizemos uma escolinha bem ai ó, no meio da rua agora.”

“Tiramos ‘madeirame’ pra fazer uma maior, e então quando a gente já tivemos essa escola, nós começamos com dez alunos, no segundo 3º ano passou para 25 alunos, de 25 alunos fizemos uma escolinha de 7x6 ai aumentou 39 alunos, de 39 alunos foram 45, quando nós conseguimos fazer uma grande, de 12x8, e esse 12x8 rendeu como 49 alunos, quando eu fui pra Manaus, passei 10 anos lá em Manaus. Então, ela como era de madeira, ela foi se “distiorando”, ai quando derubaram ela para dar essa escola agora que é Sofia Barbosa. E ai nós combinamos entre três comunidades, Bom Jardim, Porto Cordeirinho e o Bom Caminho, taí essa rua, e até lá onde pertence a nós que a gente quer passar demarcação, agora daí pra lá era campo do seu finado Zé Ferreira, e então para nós não penetrar lá dentro do campo dele, nós ficamos até onde era mata-virgem.

Ai agora para ela passar a ser reconhecida como comunidade, então já passamos formar de 1955 pra 1961, e quando foi de 1971 ai ela começou a desenvolver. Então, já para 1978 nós começamos ver, brigar pelo posto de saúde, porque nós já tinha nossa escola, começamos a brigar, queria porque queria, e o prefeito não queria reconhecer como até hoje né, não queria reconhecer, não quer ajudar, ai foi por intermédio da politica, se metemos na politica para ver nós conseguia e cada vez ficou difícil. Por isso [construção do posto de saúde], a gente foi conseguindo mais um apoio né, já mais uma força, e com nós de pouco a pouco, taí.

Não é grande, mas não era para ser daquele tamanho nosso posto. Ele ia ser um polo II, mas o prefeito como diz, não querendo ajudar, para não dizer que ele não deu atenção. O ele ajudou com aquele postinho pequeno. Tá valendo pra qualquer um que precisa. Agora não tem, como dizem o equipamento completo, porque é pequeno, não tem dentista, não tem outros coisas [equipamentos] que faltam, mas nós estamos lutando pra isso.”
AVELINO JANUARIO ASSIPAR, 83 ANOS, CACIQUE KOKAMA

“Eu vou falar que quando o pessoal chegou aqui, não tinha ninguém. O pessoal que forma a comunidade, o pessoal que chegou de outros lugares e viam morar aqui no Bom Jardim, que era uma propriedade antes. Ai o pessoal toma posse da terra e ai transformaram em comunidade, o pessoal foi chegando. E também com a Plantação da Cruz que o pessoal se reuniram mais e fazer e transformar mesmo em uma comunidade. E a partir dai ela foi reconhecida como comunidade e o pessoal foram chegando, cada vez mais pessoas. Mas quem morava mesmo aqui, que agente sabe eram os kokama que já moravam aqui em Bom Jardim.” ALIRIO MENDES MORAES, 54 ANOS, TIKUNA. MORADOR DA COMUNIDADE E RESPONSÁVEL PELO SETOR DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA DA FUNAI – TABATINGA



Avelino Januario Assipar, 83 anos, Cacique kokama



Simbolo da Igreja Santa Cruz, Comunidade Bom Jardim

Medicina tradicional praticada pelo povo Kokama

“Este conhecimento de milenar ciência de medicina natural, eu tenho própria experiência porque eu faço remédios, faço xarope para os netos, eu não compro remédios de farmácia, feitos com costumes regionais o único interesse de aprender a profunda cura por meio da bondade da nossa mãe natureza, os remédios caseiros são os melhores que tem eu gosto de nascer, eu preparo remédios tem pessoas que vem em casa doente do útero, eu curo muitas pessoas com meu remédio, eu faço remédio e vou na casa das pessoas, eu acredito muito nessas plantas eu gosto de fazer eu ensino as pessoas que não sabem também” WILSA MATOS SERVALHO, 58 ANOS, KOKAMA

“Eu sou ASC (Agente de Saúde Comunitaria). E assim quando eu chego nas casas e o pessoal pede remédio para mim, aí eu digo que eu não posso dar porque é proibido dar remédio sem receita, eles dizem: “ai meu filho tá doente” e aí eu digo, “mãe quer que teu filho fique bem?”, “ah, eu quero”, então tá, levo ela lá onde eu sei que tem as planta. Aí pego e faço o remédio também lá pra eles na casa, para cansaço eu pego a raiz do m-curacá e ferver e bato com o mel de abelha.” MARIA DE LOURDES MARICAUA GOMES, 50 ANOS, KOKAMA

Artesanatos tradicionais produzidos pelo povo Kokama

“Eu vou falar do artesanato que eu sei fazer que é o de barro, pega uma casca de pau que tira do mato e a gente queima e tira as cinzas e mistura com o barro e bate bate a massa bem machucadinho pra ele ficar bem que nem o cimento, aí você vai fazer as rodinhas dele bem, os macarrãozinho aí vai fazendo o fundo primeiro e vai levantando ele aos poucos. Tem o tauá que a gente mistura com um pedacinho de cuia vai alisando ele por dentro e por fora, aí depois se vai fazer o fogo de pedaço de pau em rolinho e botar ele emborcado depois dele seco já, todo lixado e desenhado você vai por ele pra assar e se ele não tiver bem temperado ele vai rachar, esse é o único artesanato que eu sei fazer é o pote de barro.” SANTANA RICARDO, 42 ANOS, KOKAMA

“Tenho 58 anos e gosto também de fazer esses trabalhos típicos daqui e é muito fácil de fazer, vou no mato e tiro as folhas e tecer. Aí do tucum tira as folhas, vai tirando bem fininho e bota ao sol e tece que vai virando uma corda. E com essa corda forma um quadrado com uns paus do tamanho que se queira fazer, daí vai trançando até fazer o tapete. Também faço artesanatos de barro e pinto quadros, que aprendi a fazer desde pequena”. WILSA MATOS SERVALHO, 58 ANOS, KOKAMA

Da agricultura e do extrativismo aos alimentos tradicionais do povo Kokama

“Eu ainda uso na minha casa a pupeca, o peixe assado que as minhas filhas adoram, o tacate de banana, a macaxeira cozida, o mingau de milho, a caçuma, a chicha de milho tudo isso eu faço e a gente usa em casa, a mungica do peixe.” SANTANA RICARDO DA COSTA, 42 ANOS KOKAMA

“Temos a comida tradicional, tem muitos tipos de comidas que nós nos esquecemos, por exemplo, mingau de goma, de banana, da massa seca de carimã, tem as bebidas tradicionais que é o Pajuarú, a caçuma, a pororoca, a chicha, aluá de abacaxi tem outros tipos de bebida que também nos tamos se esquecendo. Que nos antigamente nos se alimentavam muitos tipos de frutas do mato mesmo então são frutas que hoje faz falta em nossa alimentação.” ALIRIO MENDES MORAES, 54 ANOS, TIKUNA



Roça com diversos cultivos alimentar



Refeição na Comunidade Bom Jardim

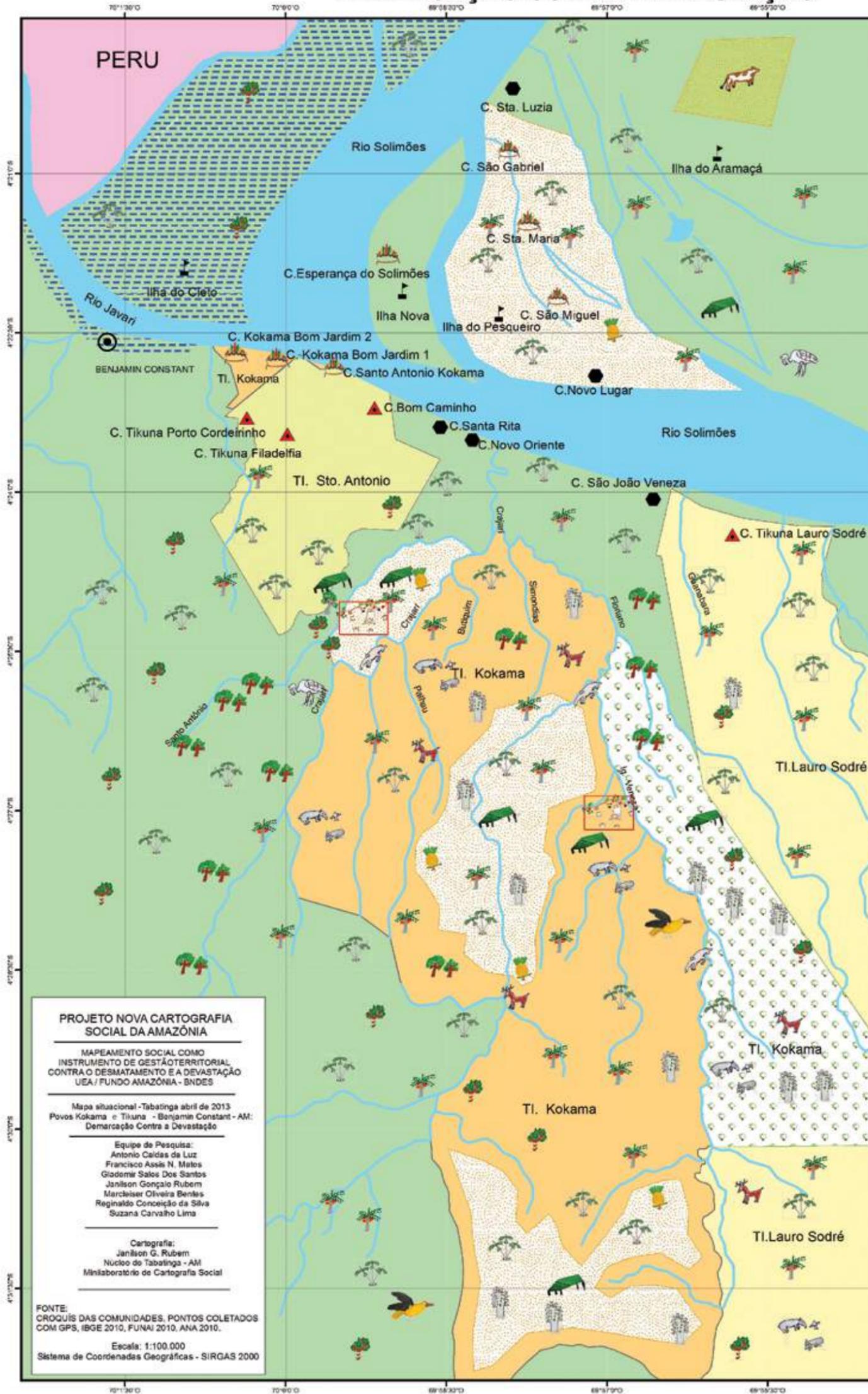
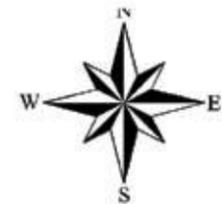


Produção de alimentos



Roça de banana

POVOS KOKAMA E TIKUNA - BENJAMIN CONSTANT: DEMARCAÇÃO CONTRA DEVASTAÇÃO



PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

MAPEAMENTO SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO TERRITORIAL CONTRA O DESMATAMENTO E A DEVASTAÇÃO UEA / FUNDO AMAZÔNIA - BNDES

Mapa situacional - Tabatinga abril de 2013
Povos Kokama e Tikuna - Benjamin Constant - AM:
Demarcação Contra a Devastação

Equipe de Pesquisa:
Antonio Caldas da Luz
Francisco Assis N. Matos
Gláuber Sales Dos Santos
Janilson Gonçalo Rubem
Marceliser Oliveira Benites
Reginaldo Conceição da Silva
Suzana Carvalho Lima

Cartografia:
Janilson G. Rubem
Núcleo de Tabatinga - AM
Minilaboratório de Cartografia Social

FORNTE:
CROQUIS DAS COMUNIDADES. PONTOS COLETADOS COM GPS, IBGE 2010, FUNAI 2010, ANA 2010.

Escala: 1:100.000
Sistema de Coordenadas Geográficas - SIRGAS 2000

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

MAPEAMENTO SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO TERRITORIAL CONTRA O DESMATAMENTO E A DEVASTAÇÃO



Cartografia e demarcação contra o desmatamento



Diversas etapas da Produção do Croqui. Oficina de Mapa. Comunidade Bom Jardim, dezembro 2012

“Por isso a importância também da demarcação de terra porque lá ainda existem muitas plantas tradicionais como o Cupuí, tem Patauí e outros tipos de plantas que não existe ainda hoje, talvez que muitos estudantes ainda não conhecem esse tipo de planta então por isso que é importante a demarcação de terra.” ALIRIO MENDES MORAES, 54 ANOS, TIKUNA

“A experiência sobre o mapa confeccionado, a demarcação de terra, onde foi uma das grandes experiências que eu tive e vi também algumas consequências é de vários lugares, sobre o desmatamento, isso me chama bastante atenção nesse caso, por que destrói, prejudica nossa saúde, e outras áreas da nossa vida.” DENÍLSON DA COSTA SANTOS, 21 ANOS, KOKAMA

“Sobre a demarcação, o mapa que todos os indígenas kokama também se juntaram para fazer isso aqui, eu acredito que esse primeiro passo, pra mim é motivo de alegria, como pra todos nós, porque nós estamos aqui representando nesse mapa a conquista que todos nós queremos, e sonhamos desde a muito tempo, que desde 2003 iniciou essa luta sobre a demarcação e agora em 2012 a gente ta realizando isso.” ELISANGELA LOPES, 29 ANOS, KOKAMA

“Aqui foi um trabalho mesmo nosso, foi importante nossa presença, por isso que eu digo, pessoal, vamos se unir, vamos trabalhar, por que valorizar, e assim como nós fomos pro grupo lá para fazer a demarcação, fazer é ver os pontos do GPS.” ALIRIO MENDES MORAES, TIKUNA



Cacique e demais Indígenas produzindo o Fascículo



Indígenas durante o curso de GPS



A educação indígena tradicional do povo Kokama e Tikuna na comunidade Bom Jardim

Educação e cultivo

“Bom, para começar educação indígena tradicional, envolvendo a tradição acredito que hoje muitos já deixaram de praticar isso, mas acredito que muitas pessoas isso ainda tá frequentemente, antes quando falamos em educação, a primeira coisa que a gente fazia era a educação de casa. Aprendíamos vários tecidos de artesanatos que hoje também não tá sendo praticado, mas acredito que a agricultura é uma educação que ainda permanece nessa parte da agricultura e nos costumes ainda são poucos, são raros mas ainda permanece que antes tinha muito, hoje não tem porque acredito que daí começa como você aprender trabalhar, porque se você não souber como aprender trabalhar vai crescer como? De que forma antes a educação era mais rígida em casa era mais rígida você tinha que ter um bom respeito a pessoa, um bom respeito ao mais velho, como você cultivar uma planta, cultivo de roça também, as meninas iam aprender a fazer as comidas os preparativos de bebidas culturais que hoje já quase não existe. Tem pessoas que são formados também, kokama que já são formados não só numa área em varias áreas, professores também formados também para dar aula na área como kokama agora a linguagem kokama ela permanece um pouco raro sendo algumas pessoas que foram habilitadas para isso, mas envolvendo educação hoje que mais nos toca é eu acredito que está mais triste ver assim nosso lado o que causou ruindade também da educação tradicional voltando um pouco para trás eu acredito que é essas novas leis que surgiram agora pra o conselho tutelar. Isso aí mexeu muito com os indígenas. Hoje tudo bem, que eu posso até confirmar com eles sobre o maltrato de crianças, mas sobre o trabalho eu acredito que não é que só tem que aprender trabalhar porque se não aprender vai crescer como, mais na frente vai ser menino de rua, mais na frente vai ser um assaltante então pro indígena ficou difícil a não ser com não-indígena agora com o indígena esse lado afetou muito agora, está certo que vamos saber também é valorizar nossos filhos não maltratando.” ELISANGELA LOPES, 29 ANOS, KOKAMA, COMUNIDADE DE BOM JARDIM



Jovens Indígenas durante a Oficina de Mapas

“Eu só queria uma quadra bonita, a única quadra que tem é toda furada quando jogam a bola pra fora as pessoas furam, o campo quando molha não deixam jogar bola, eu queria que fosse melhor, a quadra tá toda feia, a tela toda furada que o pessoal chegasse e arrumasse bem.” JOCICLEY DA SILVA, 18 ANOS, KOKAMA

“O esporte de hoje em dia que é mais praticado é o futebol, tinha muitas brincadeiras antigamente mas o futebol é o mais praticado.” RAQUEL DOS SANTOS MARICAUA, 18 ANOS, KOKAMA

“Eu quero que na minha comunidade tenha um campo adequado pra gente brincar, uma quadra melhor que nós temos aqui.” REULEN GOMES GAMA, 18 ANOS, KOKAMA

Valorização da cultura Kokama

“Nós não temos espaço pra fazer mesmo uma sede própria, nós não temos mais de querer, nós queremos fundar e ter. Mas como nós não temos espaço. Então, de maneira que nós não tem festejo sobre esse negócio de cultura, esses negócios de outros, tradicional, nós não podemos, porque nós não tem lugar. Aqui nós é para ter uma sede nossa próprio, e nossa maloca próprio, e aí para gente fazer aquilo que a gente quiser fazer tem aonde fazer, tem aonde apresentar, principalmente uma festa.” AVELINO ASSIPAR, 83 ANOS, KOKAMA

Desmatamento prejudica nossa saúde

“Eu vi também algumas conseqüências sobre o desmatamento, porque destrói, prejudica nossa saúde e a outras áreas da nossa vida. Então, se a gente contribuísse também com o meio ambiente, não só derrubar as arvores, mas que, se derrubasse, plantasse outras no lugar.” DENILSON DA COSTA SANTOS, KOKAMA

“Eles pescam muito de malhadeira, e se deslocam daqui principalmente no verão, se vão para o Javari, agora a caça não tem, porque está tudo devastado.” HELIA MOURA GOMES, KOKAMA

Educação e cultura contra o desmatamento e “desenvolvimento”.

“Sabe que todo o canto onde há desenvolvimento, chamado desenvolvimento, é um processo que afeta outro processo. Por exemplo, nas áreas urbanas, afeta a população que está ao lado, seja indígena ou não-indígena, principalmente para as comunidades indígenas. Ai vão fazendo suas lojas, suas casas e vão fazendo e tomando espaço. E o pessoal que tem a terra para se manter, como subsistência e sobrevivência, o pessoal vai perdendo os espaços. Estamos trabalhando em cima disso para ver se a gente consegue parar, e a gente ter mais espaço ainda para o pessoal poder morar, fazer suas atividades, e, então, fazer até suas festas culturais mesmo. Porque não tem espaço para fazer mesmo. E isso pode mudar só através da educação, e resgatar toda essa cultura do nosso povo.” ALÍRIO MENDES MORAES, TIKUNA

A gente não desmata

“Plantio de roça, a minha roça é muito grande para com da mamãe, nós não temos espaços para fazer a roça, e o espaço que sobra é à beira do igarapé, e mesmo assim, a gente fica aqui pensando o ambiente de hoje, a gente não desmatar a beira do igarapé, porque o igarapé precisa de árvores, precisa de cobertura para poder se manter viva. Está secando a mais. A gente vê aqui no porto do vizinho, quando a gente desce você dá um passo e tá lá do outro lado. Aqui, a área que a gente cuida, a gente vê ela largo um pouco, porque a gente preserva esse ambiente. Então não sobra aonde plantar. Aqui tem plantio de cupuaçu, de abiu e outras coisas que tem aqui, a gente não corta o açaí, o cupuaçu, o abiu e outras coisa mais para plantar a agricultura, e então não tem espaço para a gente plantar, o pouquinho que sobra é o pouquinho que a gente planta.” HELIA MOURA GOMES, KOKAMA

“A caça eu acho muito difícil, alguns caçam aqui, mas é muito raro aqui em Bom Jardim, porque não tem onde caçar. Eu acredito, com a nova demarcação, vai ter um local para onde caçar, desde que não extermine o restante, tem que saber caçar conscientemente.” AFONSO COELHO

“Posso falar do problema social. Alcoolismo, droga que está surgindo, essa ampliação já vem trazendo outras coisas. A gente ver aqui, a maioria, não-indígenas, que faz os seus bares, afeta as crianças, os jovens, adolescente, droga que é introduzida. Muitas vezes vem de pessoas estranhas, que trazem pra cá. Crescendo a população, é esse o problema social, que em todo canto a gente enfrenta, e, aqui também é um sofrimento. Acredito que todos aqui já estão enfrentando essa barra com seus filhos, com seus netos, então, é um ponto triste de a gente rever isso.” JULIO MARICAUA, KOKAMA

PRINCIPAIS REINVINDICAÇÕES

- Demarcação das Terras Indígena Kokama.
- Maior vigilância dos desmatamentos.
- Curso de Resgate da Língua e Cultura Kokama.
- Compra da Produção agrícola para merenda escolar.
- Melhorias no Atendimento à Saúde Indígena.
- Qualificação ao Professor que trabalha nas escolas Indígenas.

CONTATOS

COMUNIDADE BOM JARDIM
Benjamin Constan AM
telefones 97. 9156-9226
97. 3412-2542 (sr. Alírio Mendes)
97. 9167-9431 (sra. Elizangela)



PROJETO

Mapeamento Social

COMUNIDADE BOM JARDIM

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

APOIO

Agência Brasileira do ISBN



9 788578 832711

